

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

mente trabalhos dos professores Diaz y Diaz e Bastardas Parera. Gostaríamos, porém, de ver ainda mencionados os estudos de J. Leite de Vasconcelos (nas *Lições de Filologia Portuguesa*, Lisboa, 1926) que trata (pp. 11-14 e 117-130) do «latim lusitânico»; de Serafim da Silva Neto (na *História da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1952, pp. 161-315) que também caracteriza o «latim hispânico»; de José Pedro Machado, que nas *Origens do Português* (Lisboa, 1967), trata (pp. 81-128) do vocabulário pré-romano incluído no «latim hispânico»; de Francisco José Velozo que, a propósito de Etéria, aprofunda também o «latim lusitânico» (cf. separata da *Revista de Portugal*, Série A, Língua Portuguesa, vol. XXXI, 1966, pp. 24-31 e 36-47); e ainda Norman P. Sacks, *The latinity of dated documents in the portuguese territory* (Filadélfia, 1941), este último do maior interesse para a história da língua portuguesa.

É ocasião de lançar aqui um apelo aos latinistas portugueses para, além de estudarem uma boa dezena de autores anteriores à invasão árabe, se debruçarem sobre os *Diplomata et chartae*, incluídos nos *Portugaliae Monumenta Historica* (III, 1868-1873), onde estão transcritos 564 documentos datáveis desde 773 a 1100. Além disso, os arquivos de antigas igrejas e mosteiros guardam muito material para publicar e a estudar. O que até aqui se tem feito no campo linguístico é realmente escasso. Mencionemos, no entanto, os trabalhos de Maria Judite Rodrigues, *Diplomata et chartae (séculos VIII-X). Aspectos gráficos, fonéticos, morfológicos e sintáticos do latim medieval em território galego-português* (dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa em 1968) e de Marcelino Pereira, *O latim de alguns documentos da Sé de Coimbra, 1086-1210* (separata da *Revista Portuguesa de História*, VI, 1955, Coimbra).

Num plano mais vasto, o da medicina medieval, não devem ser omitidas as traduções e um artigo da doutora Maria Helena da Rocha Pereira, «Notes lexicographiques sur le «Thesaurus Pauperum»» (extrait de *ALMA*, XXIV (1954), pp. 227-270).

É tempo de nos referirmos, sumariamente à segunda parte da obra de Dag Norberg. Muito gratos temos de lhe estar por, após uma sistematização teórica e diacrónica, nos apresentar uma selecção de textos devidamente comentados. Este mesmo processo foi aplicado, com grande proveito para nós, por vários estudiosos do «latim vulgar». Tanto C. H. Grandgent, como Haadsma e Nuchelmans, como V. Väänänen (este só na 2.^a edição, 1967), após as suas *introduções* nos oferecem uma selecta de textos «vulgares», com comentários a remeterem frequentemente para os parágrafos expositivos. Além disso, não é difícil encontrar *antologias* como a de G. Rohlfs ou de M. C. Diaz y Diaz que, sem exposição prévia, acrescentam em nota oportunos comentários. Pelo contrário, para o «latim medieval» com dificuldade se encontra uma antologia didáctica satisfatória.

D. Norberg seleccionou 16 textos de uma vasta Literatura, que abrange mil anos e muitos milhares de produções, e acrescentou, a cada um deles, na ocasião própria, um comentário que pode revestir carácter histórico, sintáctico, lexical, estilístico, morfológico, fonético, ortográfico, prosódico, métrico ou de busca de fontes, segundo as necessidades. Por nossa parte desejaríamos bem que as explicações fossem ainda mais abundantes. Ver textos pelos olhos e sensibilidade de Norberg é enriquecermos o nosso sentido de apreciação, a justeza do esclarecimento, o gosto literário.

Isto não quer dizer que num ou noutro ponto não discordemos da solução

apresentada. As fontes bíblicas e litúrgicas podiam ser mais aprofundadas. A referência aos «sibyllinis uersibus» (pp. 178-179) não necessitaria de remeter para o *De ciuitate Dei* de Santo Agostinho. A Idade Média conhecia suficientemente o Virgílio da Eneida e da IV Bucólica para neste ponto dispensar intermediários.

A propósito de uma expressão como *de illo pane* (pp. 119-120) recorda-se-nos o valor partitivo da preposição *de* em frases deste tipo. E sobre *ille* faz-se uma breve digressão sobre a perda do valor demonstrativo deste pronome. O «enfraquecimento do demonstrativo, diz, está na origem do desenvolvimento do artigo definido». Cremos que tal enfraquecimento pode fazer-se remontar mais atrás que «à época imperial». Ocorre-nos um verso de Catulo, numa célebre composição (LXXVI, 23): *Non iam illud quaero, contra ut me diligit illa*, em que *illa* tem nitidamente valor de pronome pessoal *ela*, e *quaero* não está longe do significado do português *quero*. Cita ainda Norberg um passo (*Macarius ille Aegyptius*) das *Vitae Patrum* (6, 3, 4), isto é, da tradução dos *apophthegmata* atribuída ao subdiácono de Roma, João (século VI) em que *ille* anuncia «a evolução futura», a qual, segundo afirma, virá a deixar entrever a existência do artigo nas línguas românicas «apenas no século VIII». Ora nós temos vários exemplos de Pascásio de Dume em que o artigo definido grego é claramente traduzido por *ille*. Eis dois, citados segundo a numeração da edição crítica por nós preparada: «Nemo inuentus est qui perdidisset *illum* solidum = τὸ νόμισμα (XLIV, 3); «Tunc *ille* frater dixit = ὁ ἀδελφός (XLVI, 8). É evidente que para Pascásio, que traduzia por volta de 555, perto de Braga (hoje Portugal), o artigo definido grego tinha um equivalente perfeito no latino *ille*, o qual nestes casos não precisa sequer que se lhe atribua qualquer valor anafórico.

Estas observações, às quais poderíamos juntar mais algumas outras, não invalidam, no entanto, o mérito extraordinário que têm os comentários de Dag Norberg. Lê-los é um autêntico prazer e uma sedutora lição.

J. G. F.

ÅKE FRIDH — *Le problème de la passion des saintes Perpétue et Félicité*, *Studia Graeca et Latina Gothoburgensia*, XXVI, Göteborg 1968, 91 pp.

Quem, sob o nome de Perpétua, consultar Florilégios de Santos ou ler as biografias incluídas no Calendário Romano a 6 de Março, poderá julgar que por detrás da feição edificante destas descrições não há problemas de maior. O martírio é colocado, geralmente, no ano de 203, em Cartago. O nome de Tertuliano aparece com frequência citado como o do Redactor. Outra será já a atitude de quem compulsar uma edição crítica da *Passio Sanctarum Perpetuae et Felicitatis*, como a que temos presente ao traçar estas linhas, da autoria de Cornelius van Beek (Dekker & Van de Vegt, Noviomagi, 1936), acrescida do texto, também criticamente estabelecido, dos *Acta Sanctarum Perpetuae et Felicitatis*. Então fica-se surpreendido com a

quantidade de códices que transmitem a *Passio* em latim e em grego, com a dificuldade de os examinar, classificar e agrupar, com as discussões à volta da equivalência de ambos os textos entre si, com as hipóteses já emitidas sobre quem os escreveria.

A série de «*Studia Graeca et Latina*» da Universidade de Gotemburgo (Suécia), inaugurada em 1955, publicou, no espaço de 13 anos, 26 volumes, sobre temas tão variados como os que vão do micénico à tragédia grega, ao mundo helenístico e à Literatura Grega Cristã, e os que em latim se ocupam do período clássico, da época tardia e também da Literatura Latina Cristã. Precisamente a este último grupo pertence o trabalho que temos presente. Sob o título de *Le problème de la passion des saintes Perpétue et Félicité*, o A. não pretende afinal, de entre os muitos problemas que levanta esta *Passio*, indubitavelmente autêntica e também valiosa por ser das mais antigas que possuímos, resolver senão um: — o do Redactor de cada uma das suas partes.

Ao leitor desta *Passio* torna-se imediatamente evidente que os capítulos I e II são de um Relator que, após um prefácio, nomeia (e passamos a traduzir da edição de C. van Beek) os «jovens catecúmenos: Revocato e Felicidade, escravos; Saturnino e Secundulo; e com eles Vibia Perpétua, de nobre estirpe, esmeradamente educada». Logo a seguir a palavra é dada a Perpétua que «por sua própria mão escreveu» as diversas fases do martírio, desde o momento da prisão até ser arrancada do cárcere (caps. III-X). O Relator passa imediatamente a transcrever a visão de um «presbítero doutor», Sátiro, que se veio juntar aos cristãos presos, visão «que ele próprio descreveu» também (caps. XI-XIII). Finalmente (caps. XIV-XXI) o Relator narra a morte de Secundulo e dos outros mártires, terminando o capítulo XXI com um breve epílogo. O propósito de A. Fridh é tentar descobrir, através de elementos puramente filológicos, se a redacção latina é tradução da grega ou vice-versa e, quanto possível, identificar o autor de cada parte e a sua época.

Uma vez posto, resumidamente, o *status quaestionis* (cap I, pp. 5-11), Fridh, partindo da observação (já feita por outros estudiosos) que o texto do Relator e de Perpétua tem cláusulas métricas, estuda (cap. II, pp. 12-45), baseado numa técnica aperfeiçoada de estatística dos ritmos preferidos, quais as tendências de cada uma das personagens que intervêm na redacção total da *Passio* latina. Verifica assim que as cláusulas ainda não são de ritmo intensivo e, portanto, a prosa deve ter sido escrita no princípio do século III (à anterioridade a esta época opõe-se a datação tradicional do martírio), uma vez que foi ao longo deste século que se deu a passagem da métrica quantitativa para a acentual. Pode concluir ainda que o Redactor é pessoa culta e que a narração de Perpétua «pressupõe uma certa educação», mas sem artificios retóricos. A parte de Sátiro é «amétrica». Por outro lado, a comparação das cláusulas deste Relator com as das obras de Tertuliano, permite concluir que o autor do relato latino não foi Tertuliano, embora, por outros indícios, possa ter sido alguém do seu círculo. A observação da redacção grega revela também a existência de cláusulas do mesmo tipo no texto do Redactor e no de Perpétua, mas não no de Sátiro. Ora, como as cláusulas acentuais foram introduzidas na prosa grega só no século IV e as verificadas aqui são de tipo quantitativo, torna-se provável que a redacção grega seja também do século III. Resumindo, o texto latino postula a intervenção de três escritores; o grego apenas de dois.

O capítulo III (p. 46-83) é consagrado a uma investigação sobre se a prioridade deve ser concedida à redacção latina ou grega. Vários investigadores já antes

se haviam pronunciado a favor do latim em todas as partes. Fridh examina os seus argumentos e nota que, na parte do Relator e de Perpétua, o texto latino é, de facto, mais claro, ao passo que o grego apresenta dificuldades de compreensão e duplicados de tradução. Daí o dever concluir-se pela prioridade daquele. Em contrapartida, ao invés da opinião tradicional, verifica-se que a parte latina atribuída a Sátiro oferece dificuldades que encontram melhor solução no texto grego. Além disso, com uma série de judiciosas considerações, prova-se que a mentalidade revelada por Sátiro condiz com a dum grego ou judeu helenizado que se tenha convertido ao cristianismo. Por isso mesmo deve concluir-se que o trecho de Sátiro foi escrito, originalmente, em grego e depois vertido para latim. Mas, existindo um texto com uma parte (a de Sátiro) em grego, compreende-se que um único tradutor tenha tomado sobre si a tarefa de verter para a mesma língua as partes latinas do Relator e de Perpétua.

Quem foi afinal o Relator? A obra não oferece qualquer elemento capaz de se fazer uma identificação. Mas fixou-se uma época, distinguiram-se os estilos, estabeleceu-se a prioridade de cada redacção. Ao terminar, A. Fridh, modestamente, insiste, por duas vezes, sobre a «natureza puramente hipotética da reconstrução que apresenta» (p. 82-83) e julga ter indicado apenas «uma solução provável». Por nossa parte, somos mais optimista acerca do valor do seu trabalho. Se bem que nem todos os argumentos tenham a mesma força probativa, temos o conjunto das provas aduzidas como plenamente convincente. À bibliografia consultada (pp. 83-88) julgamos que seria útil ter-se acrescentado a obra de H. W. F. M. Hoppenbrouwers, *La plus ancienne version latine de la vie de S. Antoine par S. Athanase* (Utrecht-Nijmegen, 1960), pois aí se encontram muitos exemplos de duplicados de tradução, feitos por alguém que trabalhava à pressa sobre um texto grego e possivelmente ditava em latim, corrigindo numa segunda construção o que acabara de exprimir por outras palavras na primeira tentativa.

O *index locorum* (p. 90) está manifestamente incompleto na parte referente aos autores citados, gregos e latinos, da Antiguidade. Quem examinou a obra recordar-se-á perfeitamente de ter lido passos de Santo Agostinho, de Santo Ambrósio, da história de Barlaão e Josafá, de apocalipses apócrifos, etc.. Não será difícil corrigir esta deficiência.

J. G. F.

HARALD HAGENDAHL — *Augustin and the Latin Classics*, *Studia Graeca et Latina Gothoburgensia*, XX, Göteborg, 1967, 2 vols., 770 pp.

O I vol. (376 pp.), consagrado aos *Testimonia*, deixa-nos uma impressão esmagadora. *Doctis, Iuppiter, et laboriosis!* — apetece exclamar com Catulo (I, 7), ao ler estas páginas. Que erudição, meu Deus! Percorrendo mais de uma centena de obras de Santo Agostinho (n. 354-m. 430) — e lembremos que só dos *Sermões*